



Histórias de vida e o Vera

As muitas vidas de Joana



Joana Maria Nitriini Guidolin

Coordenadora pedagógica (Inglês)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Joana começou a trabalhar no Vera em 1978.
Ela se despediu da Escola em 2010.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

Movida a desafios

Falo que entrei na escola criança e saí com 65 anos. A vida inteira dentro de escola. Mas não sou muito de ficar no passado, sabe? Eu gosto muito do presente. Viver o presente fazendo o futuro! Ir para o futuro estando no presente.

Nas vidas que a gente tem (as pessoas falam que os gatos têm sete vidas, na China eles falam que têm nove), acho que a gente acaba olhando para trás e vendo que são muitas vidas; às vezes, são bem-marcadas, e eu acho que esses 33 anos no Vera Cruz foram uma vida, uma vida longa.

Eu tinha estudado inglês na PUC, dava aula na Cultura Inglesa, mas não estava muito satisfeita, para falar a verdade, então, uma amiga me pediu para substituí-la. Por curiosidade, queria ver como era o inglês em uma escola. Descobri que tinha uma proposta diferente, fiquei um mês, gostei, e, quando chegou no final do ano, me ligaram me convidando para dar aula no Inglês do Vera Cruz, que, na época, ficava em duas ou três salas no Verão.

Gostei da proposta, fui ficando, porque eu tinha uma certa insatisfação de ser só uma técnica de língua, só ensinar a

língua, eu tinha um desejo de trabalhar a formação da criança mais globalmente, e foi isso que encontrei na proposta do Inglês do Vera Cruz. No primeiro ano, só dei aula. No segundo ano, veio um desafio: "Estamos mudando para uma casa aqui ao lado; será que você quer ser responsável pelo período da manhã?". Levei aquele susto, porque não era isso que eu tinha traçado. Aceitei e gostei da responsabilidade, tinha uma orientadora, e, no fim de alguns anos, a orientadora foi embora e eu acabei assumindo também esse papel. Trabalhava com a Maria Helena Senna em algumas programações. Foi um período de muito aprendizado, de muita experiência, um período muito profícuo. Fiquei como orientadora do período da manhã e, depois, passei para o período da tarde. O Inglês entrou no currículo da Escola dois anos depois. Até que, em 89, assumi a Coordenação. Também assim, de repente. Mas com a Direção me dando muito apoio. Mas percebi que, a hora em que eu assumisse, teria que deixar a sala de aula. Mas foi necessário e compensador.

A vida no Vera

Olhando para trás, lembro que precisei ler muito sobre educação, porque, afinal de contas, eu estava em uma escola de ponta, onde todo mundo era muito preparado. Comecei a ler

Piaget, Wallon, Vygotsky e tantos outros. A fazer cursos! Além do inglês, que eu tinha de continuar desenvolvendo. Fui três vezes para a Inglaterra fazer curso e participava de congressos, apresentei trabalhos. Cheguei à conclusão, com a idade que eu tenho, que gosto de desafios. Não havia percebido, sempre achava que, de repente, algo aparecia, mas acho que, no fundo, eu sempre procurava um desafio.

A proposta do Inglês a gente realmente precisava difundir, mostrar que você precisava contextualizar, olhar a idade da criança, se está começando a aprender uma língua com 7 ou 11 anos. Isso tudo nós levamos em conta, porque olhávamos a criança inteira. Demos assessoria para outras escolas, falávamos em congresso; era uma época em que não se aprendia a língua em escola. Hoje, se fala em bilinguismo. Mas, antes, você tinha que ir para uma escola de língua se quisesse aprender a falar, no caso, inglês. E, já naquela época, nossos alunos eram fluentes. No início, eles começavam mais velhos, depois, fomos ampliando a faixa etária, começando aos 6 anos. Era um curso ligado à Escola durante um processo extracurricular, durante muito tempo, e, em algumas séries, ele era curricular. Durante muito tempo, foi assim. Foi bom, porque deu para desenvolver uma metodologia e um material muito interessantes. A assessora se chamava Elisa Campello, muito competente, que se debruçou

sobre o material durante alguns anos, um material muito bom, muito bonito.

Aliás, sempre fui muito, muito orgulhosa da equipe do Inglês, uma equipe muito coesa, de professores competentes. Rita [Botter], que hoje é coordenadora, sempre trabalhou comigo, as orientadoras Miguelina [Mansur], Liliana [Fontana] e a Cida [Maria Aparecida Delgado] são pessoas ótimas! Até falavam “Mas que sorte que você tem com essa equipe!”, né? Para você formar uma equipe, você precisa ter bastante jogo de cintura, precisa dar espaço para as pessoas se colocarem e se posicionarem.

Cheguei a dar aula para adultos, mas nunca foi minha praia, não gostei muito, não. A criança sempre me envolveu mais. Gostava muito da Orientação também. Os pais sempre são os mais difíceis de trabalhar (risos), as crianças são ótimas. Eu me lembro de quando dava aquela briga na sala e chegavam os dois, eu falava: “Olha, agora vamos fazer o seguinte: vocês vão para casa, e, à noite, antes de dormir, você vai pensar numa qualidade que ele tem”. Eles olhavam: “Não tem nenhuma, não”. “Você vai pensar numa qualidade que ele tem, e, na próxima aula, vocês vão conversar comigo.” Era interessante, porque eles sempre conseguiam falar alguma coisa do colega. Então,

eu gostava muito desse trabalho de Orientação, de conversar com os professores; a gente tinha conversa regular sobre cada agrupamento. E gostava do contato com as orientadoras da Escola, as conversas com os pais.

O que foi muito recompensador foi nós termos sido escolhidos para ser um centro de exames. Primeiro, éramos da Universidade de Oxford, então a gente se candidatou, mandou todos os papéis e saiu a autorização. Depois, Cambridge comprou os exames da Universidade de Oxford, ficamos com Cambridge e fomos novamente aceitos. Éramos só nós e a Cultura Inglesa, e nossos alunos sempre se saíram muito bem, porque o preparo é essencial. Você tem que ter todo um histórico para a criança chegar a uma fluência escrita e oral. Fico até feliz, porque meu neto teve o certificado Advanced, que eu consegui quando estava na faculdade. Ele com 16 anos, porque começou a estudar inglês cedo.

Quem começa cedo, pode ter certeza de que vai ser fluente em inglês. E é esse o retorno que eu tenho. Fico muito feliz quando me encontro com pais ou com ex-alunos, e os pais falam: “Sabe que eles nem precisaram fazer outra escola de inglês?”. E não era para fazer mesmo (risos)! Esse retorno é muito compensador, sabe? Fomos experimentando. Você faz uma proposta em

sala de aula, e aquilo é avaliado; se não deu certo, você para de fazer; se deu mais ou menos, você incrementa.

A vida no teatro: Drama Festival

O trabalho do teatro começou lá atrás. Era uma coisa muito pequena, uma classe apresentando para outra. Mas eles mesmos foram querendo uma coisa maior. Então, durante alguns anos, tivemos várias pessoas que fizeram treinamento dos professores para o teatro. Não é só a língua, você tem que saber como trabalhar, senão fica uma coisa muito cansativa para quem assiste. Várias técnicas foram passadas. Era um projeto de um semestre. A gente parava, porque se trabalhava muito a linguagem oral. E foi crescendo, os próprios alunos escrevendo o texto — porque antes eram os professores que escreviam. Tem sempre um tema: heróis, *heroes*, Shakespeare, Beatles, *Moving On...* Todos os agrupamentos se apresentavam, independentemente do nível da língua. Com os pequenos, a gente fazia internamente. A partir do 6º ano, era para os pais. No Ensino Médio, percebemos que não dava mais para ficar apresentando para pais. Um jeito diferente para cada faixa etária.

O que diferencia o Vera é esse olhar para o aluno, para a faixa etária, para os desafios possíveis. A gente consegue formar crianças bilíngues sem ser uma escola bilíngue, nosso aluno com 14 anos está prestando o mesmo exame da criança de escola bilíngue com a mesma idade.

O horário tem que ser muito, muito valorizado. Horário é muito valorizado! Com criança pequena, numa aula de duas horas, ela tem 15 atividades, porque, se você fica um pouco a mais com uma criança pequena, ela não tem essa concentração. Para ficar meia hora num tema, não tem. Uma vez, um professor de inglês falou assim: "*Start your class with a 'bang'!*". É verdade. Se você começa fazendo chamada, você começa meio assim... Você tem que começar com alguma coisa em que a criança já se ligue, uma coisa que pega. Você fica com esse objetivo de otimizar o tempo, de fazer uma aula interessante. Acho que essa é uma qualidade que deve estar sempre presente. É que, às vezes, as pessoas falam "Ah, eu nunca vou falar inglês" ou outra língua. É que você não teve um início legal. Às vezes, tem isso. A pessoa trava com uma certa idade. As pessoas falam: "Ah, não dou pra língua". Dá, para todo mundo dá.

Acho que você tem que respeitar a criança, respeitar a idade dela, respeitar o momento. Você sabe que tem crianças

que ficam quietas no começo, não querem falar. De repente, você pensa que ela não sabia, mas ela fala, vai falando, solta a língua. Eu achava interessante os pais de crianças de 10, 11 anos quando chegavam e falavam: “Não dá mais pra falar em inglês porque ela entende tudo”. Ai, que bom! Boa notícia para a gente (risos).

Vida de pianista

Eu ia para os Estados Unidos com meu marido, no fim ele acabou não indo, então fui fazer inglês e minha carreira acabou indo para a área de línguas. Mas nunca me desliguei da música, sempre fiz cursos, uma vez com Almeida Prado, sobre Mozart. Então, nunca me desliguei, mas parei de tocar piano, porque tocava mal. Não tinha tempo de estudar, primeiro, porque durante esses 33 anos no Vera, meus filhos cresceram, estudaram lá a 8ª série, porque não tinha Ensino Médio. Então, também tinha os filhos em casa, tinha a profissão, não dava tempo de estudar piano. Parei de tocar porque eu não conseguia mais me ouvir.

Quando fui levar um neto para estudar música, encontrei uma amiga, dona da escola: “Por que você não volta a estudar piano? Faz uma aula experimental!”. Essas aulas experimentais eu conheço bem...

Foi logo depois que eu saí da Escola, do Vera. Então, comecei com um professor e foi indo, foi muito bom, porque fui retomando, mas sou pianista amadora. Eu procuro estudar, às vezes eu fico a tarde inteira tocando, às vezes eu estudo uma hora, duas, depende muito do dia, da coisa da família. Até gravei CD para a família, toco em apresentações, tem um grupo em que a gente faz sarau, coisa de antigamente, mas que é muito gostoso, reúne, às vezes, pianista, violonista, celista. A gente se reúne, toca, come alguma coisa, é muito gostoso. Faço parte também de um coral pequeno, que se chama “Coral Canto da Casa”, porque nós ensaiamos nas casas das pessoas, é um coral de amigos. O pessoal canta muito bem, sempre cantou em coral. Eu também cantei num coral do Vera, de adultos. Me lembro que Márcia Lopez participava, acho que Madalena [Jalbut] também participou.

Na maior parte do tempo, toco bastante. Participei de uma oficina de música, oficina de piano na USP, mês passado. Achei ótimo. Me inscrevi, preparei uma música e toquei para dois professores diferentes. Aí, eu cheguei, já fui falando assim: “Olha, eu sou pianista amadora, não sou uma profissional, eu estudo, estudo bastante, quero tocar bem, mas sou amadora”. E toquei minha música. Aí, quando terminou, ele falou: “Muito bem, muito bem! É uma pianista amadora, mas está ótimo”. Isso vai mandando a gente para frente, né?

Como eu estudei piano no Conservatório Sagrado Coração de Jesus, todo o curso, descobri que eu poderia requerer ser professora de música, porque eu tinha feito todas as matérias regulares de um curso de música de faculdade. Tenho a carteirinha e autorização como professora de música. E fui dar aula. Eu tinha vinte e poucos anos e comecei dando aula de música.

Vida sendo vivida

Meu marido é um dos fundadores do GRAACC, o Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer. Tivemos a infelicidade de ter um filho que teve câncer. Quando ele já estava curado, veio um convite do médico para começar uma ONG. Hoje, tem o GRAACC, que tem mais de 30 anos. Acabaram de inaugurar uma nova UTI excelente, que atende o SUS. Isso que é importante, porque, às vezes, as pessoas não sabem, mas o atendimento maior, grande mesmo. Acabei me engajando na luta contra o câncer infantil indo a congressos, acompanhando muito meu marido.

Ele ajudou na minha carreira. Sempre me deu muita força. Quando eu fui para a Coordenação — primeiro, pedagógica, depois, também administrativa —, precisei me capacitar para

isso. E o meu marido me ajudou, ele tem uma visão empresarial, foi bom para mim.

Hoje em dia, dá tempo de tocar piano, participar do coral, de fazer musculação e de ficar com os netos, cuidar da família. Mas não tem aquela correria de acordar cedo e tomar um café correndo, ir para a Escola. É evidente que, no primeiro ano, a gente sente muita falta desse movimento, dos colegas, das pessoas. Convivia com muita gente, o dia inteiro na Escola. Esses 33 anos foram uma vida mesmo (risos). Então, quando saí, saí muito contente de ter trabalhado no Vera. Evidentemente, em 33 anos, existiram muitos problemas, dissabores, a gente não pode falar que tudo é um mar de rosas, mas eu não fico me lembrando disso. Eu me lembro das coisas boas, do apoio que a gente teve.

Revelação em Macchu Picchu

Quando eu estava com meus 65 anos, numa viagem para o Peru, sentei-me numa pedra em Machu Picchu e fiquei olhando aquela beleza. E me veio um pensamento: chegou a hora de sair do Vera (risos)! Foi muito interessante, eu estava olhando lá... Por quê? Não sei! Acho que chegava o momento de eu sair.

Isso foi em janeiro. Fiquei demissionária em um ano, ninguém sabia. Só a Direção, lógico. Preparei a saída, a substituição, deixei tudo em ordem e, por um acaso, também acabei voltando para a música, porque antes de ser professora de inglês, fui professora de música. Eu cheguei até a dar aula de piano.

Em Macchu Picchu, vi que havia chegado uma hora em que talvez não tivesse mais desafios. Eu acho que foi isso. Eu pensava que a gente tem que ter outras vidas. Se eu sáísse mais velha, talvez eu não tivesse essa oportunidade que eu tive de voltar a estudar piano, de ter essa disposição para a música.

Quem diria, o Vera fazendo 60 anos (e o Inglês tem 50)! Pronto para novos desafios. E sempre olhando como melhorar. Eu acho que essa foi uma característica sempre da Escola.





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

